

In: SILVEIRA, Edvanir Maia da; SILVA, João Batista Teófilo. (Orgs.) *A Ditadura civil-militar em Sobral - aliança, “subversão” e repressão*. Sobral-CE: Edições UVA/SertãoCult, 2017. p. 11-43

A ALIANÇA DESENVOLVIMENTISTA

Edvanir Maia da Silveira¹

O golpe civil-militar de 1964 trouxe interferência ao cotidiano sobralense. As agremiações políticas se adaptaram ao bipartidarismo. Prado, Barreto e Ferreira Gomes, grupos que se revezaram no poder local na vigência do regime ditatorial, foram para ARENA, fragmentada em três sublegendas: Arena I, Arena II e Arena III, respectivamente. O MDB congregou as outras agremiações com menos expressão política.

A falta de divergência ideológica entre as diferentes facções que ocuparam o governo municipal não garantiu tranquilidade à consolidação do regime militar em Sobral. As eleições para o Executivo e o Legislativo foram marcadas por muitos conflitos, já que era muito equilibrada a relação de poder dessas elites políticas com os governos estadual e federal. Mesmo assim, os arenistas conseguiram fazer essa aliança gerar frutos econômicos para o desenvolvimento local.

O objetivo deste artigo é investigar o apoio do governo municipal ao regime militar, os conflitos entre os próprios aliados em nível local e os resultados dessa aliança para o desenvolvimento do município.

Cultura política na década de 1960

A segunda metade do século XX constitui um divisor de águas em diversos aspectos da disciplina de História e da vida social. Depois de duas grandes guerras e muitas outras tragédias, a humanidade é chamada a repensar sua história e seu futuro. Na ciência histórica, a noção de razão e de progresso era posta em cheque. Para os questionadores do paradigma clássico (herança iluminista), as teorias e métodos históricos em voga não davam conta de explicar a problemática contemporânea; era preciso pensar outra ética para uma sociedade pós-

¹ Professora adjunta do curso de História de Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: didisilveira@bol.com.br

moderna. Para outros, como os marxistas, era necessário apenas construir uma nova modernidade.²

George Iggers, em *Historiografia e século XX*, examina as profundas mudanças nas ideias em torno da natureza da História e da historiografia. Traça a hipótese de que a pesquisa e a escrita histórica sentiram a emergência das Ciências Sociais que transformou a historiografia a partir da Segunda Guerra Mundial, quando as ideias pós-modernas forçaram uma reavaliação do relacionamento dos historiadores com seus temas e maior questionamento sobre a possibilidade de uma história objetiva. A tese de Iggers é que a História é uma ciência, e a realidade existe para além do texto. Nesse sentido, embora interprete, o historiador o faz com base em fontes documentais e com o compromisso de chegar o mais próximo possível da realidade (verdade). Contudo, ele defende que é preciso considerar as novas proposições como contribuição a uma maior aproximação entre texto e realidade. A narrativa, as micro-histórias, a história oral, o cotidiano são alternativas que podem iluminar o trabalho do historiador, trazendo à tona sujeitos e práticas muitas vezes obscurecidas pelas análises clássicas, e que podem explicar muito da história.³

Nessa conjuntura, a história política experimenta a volta da fortuna, trazendo perspectivas promissoras com o conceito de cultura política, que para René Rémond não é apenas um elemento entre outros na paisagem política, “é um poderoso revelador do *ethos* de uma nação e do gênio de um povo”.⁴ Do mesmo modo, Pierre Rosawallon defende que o político “é o lugar onde se articulam o social e sua representação, a matriz simbólica na qual a experiência coletiva tem suas raízes e ao mesmo tempo reflete sobre si mesma”.⁵

Para Marcelo Ridente, as revoluções de libertação nacional, tais como: a Revolução Cubana (1959), a Independência da Argélia (1962) e a Guerra do Vietnã foram exemplos de povos subdesenvolvidos que se rebelaram contra grandes potências e são fundamentais para compreensão dos episódios que marcaram o ano de 1968: manifestações contra a Guerra do Vietnã; a Primavera de Praga; o maio libertário dos estudantes e trabalhadores; a alternativa pacifista dos hippies, a luta armada, lutas radicais de negros, mulheres e outras minorias.

² Cf. MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996; ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³ IGGERS, George. History and the challenge of postmodernism. In: _____, *Historiography in the Twenty Century: From Scientific to the Postmodern Challenge*. Hanover; London: Wesleyan University Press, 1997, p. 97-146.

⁴ REMOND, René. Do político. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 450.

⁵ ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. p.12. *Revista Brasileira de História*, v. 15, nº 30, p. 9-22, São Paulo, 1995.

“Enfim, os sentimentos e as práticas de rebeldia contra a ordem e de revolução por uma nova ordem fundiam-se criativamente”.⁶

Apesar da influência internacional, o Brasil tem especificidades que antecipam o ano de 1968. Há um consenso entre os analistas de que quando foi impetrado o golpe civil-militar de 1964, um processo de democratização (liberal) política e social se desenrolava no país. Trabalhadores urbanos e rurais, estudantes, intelectuais e militares de baixa patente mobilizavam-se em busca das reformas de base, constituindo-se em ameaça à ordem vigente.

No campo institucional, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) foi a oposição consentida pela imposição do bipartidarismo. Mas fora dessa esfera, vários grupos se organizaram para combater o regime: o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), a Ação Popular (AP), a Política Operária (Polop), a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Para Ridente, a principal fonte de recrutamento de militantes estava no meio estudantil, berço do único movimento de massas que se rearticulou nacionalmente nos primeiros anos após o golpe.⁷

O ano de 1968, no Brasil, foi marcado por uma série de manifestações nas ruas, nas universidades, no meio operário. A *Passeata dos Cem Mil*, no Rio de Janeiro, constituiu a mobilização de maior alcance social, reunindo estudantes, artistas, intelectuais, religiosos e populares, como resposta à crescente repressão política. A reação ao regime difundia-se também na música popular, na literatura, no teatro, no cinema e nas artes plásticas, mas o AI-5 deu um duro golpe e o “o ano rebelde de 1968 foi sucedido pelos assim chamados *anos de chumbo*”.⁸

Ao analisar o significado desta geração, o jornalista Zuenir Ventura assevera:

os nossos “heróis” são os jovens que cresceram deixando o cabelo e a imaginação crescer. Eles amavam os Beatles e os Rolling Stones, protestavam ao som de Caetano, Chico ou Vandr e, viam Glauber e Godard, andavam com a alma incendiada de paixão revolucionária e não perdoavam os pais – reais ou ideológicos – por não terem evitado o golpe de 1964. Era uma juventude que se acreditava política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento.

Uma simples arqueologia dos fatos pode dar a impressão de que esta   uma gera o falida, pois ambicionou uma revolu o total e não conseguiu mais do que uma revolu o cultural. Arriscando a vida pela política, ela não sabia, porém, que estava sendo salva historicamente pela  tica.⁹

⁶ RIDENTE, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX, o tempo das d vidas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 2008. p. 135-6.

⁷ *Ibid.* p. 150.

⁸ *Ibid.* p. 153.

⁹ VENTURA, Zuenir. *1968 - o ano que não acabou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 16.

A década que testemunhou os projetos de revolução terminou com ditaduras militares em diversos países do Cone Sul. Nas décadas seguintes, presenciou-se a luta entre esses dois projetos, um conservador e outro que se pretendia revolucionário, que apesar de desigual foi contínua.

Historiografia do golpe de 1964

De acordo com o historiador Carlos Fico, a abordagem propriamente histórica da ditadura é recente. A maioria dos trabalhos é de cientistas políticos, sociólogos e dos próprios participantes do episódio. Na primeira fase, a literatura sobre o golpe teria sido marcada por dois gêneros: a *Politologia* – inspirado na vertente norte-americana da ciência política –, e a *Memorialística* – oficial e de esquerda.¹⁰ Já essa produção recente, ele ressalta, levada a cabo pelos historiadores, tem valorizado a subjetividade, o cotidiano, as mentalidades; daí vários trabalhos sobre cultura no período.¹¹

Ao selecionar o que considera os trabalhos mais sólidos sobre as causas do golpe, Carlos Fico os classifica em três correntes: *tentativas de teorização da ciência política, as análises marxistas e a valorização do papel dos militares*. Fico cita dois autores, que são referência no uso da análise da ciência política: Alfred Stepan, em *Os militares na política: as mudanças de padrões na vida brasileira*, e Wanderley G. dos Santos, em *Os cálculos dos conflitos – impasses nas políticas brasileiras e crises de 1964*. Para esses autores, a causa do golpe é de natureza política. O golpe civil-militar tornou-se possível pela inabilidade de João Goulart em reequilibrar o jogo político entre civis e militares ou entre os partidos políticos¹².

A respeito das análises marxistas, Fico destaca Jacob Gorender, em *Combate nas trevas*, e René Armand Dreifuss, em *1964 – a conquista do Estado. Ação política e golpe de classe*. Aqui a causa seria de natureza econômica. O golpe teria sido uma reação da burguesia industrial e multinacional às reformas de base previstas por Goulart.¹³

Quanto à valorização do papel dos militares no processo golpista, Fico cita os autores Daniel Aarão R. Filho, em *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*, e Gláucio Ary D. Soares, em *O golpe de 64*. Embora reconheçam a contribuição do capital internacional

¹⁰ FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH. n° 47. Jan.-Jun. 2004. p. 32.

¹¹ *Ibid.* p. 39.

¹² *Ibid.* p. 42-5.

¹³ *Ibid.* p. 50-1.

e da classe média brasileira, os autores citados defendem que o golpe foi determinado pela ação dos militares, que se sentiram incitados a intervir contra o governo Goulart.

A tese de Fico, com a qual concorda este trabalho, é que todas as proposições acima devem ser consideradas na explicação sobre as causas do golpe:

As transformações estruturais do capitalismo brasileiro, a fragilidade institucional do país, as incertezas que marcaram o governo João Goulart, a propaganda política do Ipês, a índole golpista dos conspiradores, especialmente dos militares – todos são causas, macroestruturais ou micrológicas, que devem ser levadas em conta, não havendo nenhuma fragilidade teórica considerarmos todas razões do golpe tanto os condicionantes estruturais quanto os processos conjunturais ou os episódios imediatos. Que uma tal conjunção de fatores adversos – esperamos todos – jamais se repita.¹⁴

No Ceará, não há estudos aprofundados que ajudem a compreender esse momento de uma forma mais detalhada. Pelas poucas fontes a que se teve acesso, constatou-se que na maioria dos municípios houve adesão à ditadura. Com a decretação do Ato Institucional Nº 2 (AI-2), que extinguiu os partidos políticos, foram criadas duas agremiações: o *Bloco Democrático Renovador* e a *União Parlamentar Revolucionária no Ceará*, que mais tarde se denominariam MDB (registrado em 17 de maio de 1965) e ARENA (fundada em 8 de julho de 1966),¹⁵ respectivamente. Contudo, pelo menos neste momento, as duas legendas divergiam apenas na esfera local, pois ambas apoiavam o golpe e a instalação do regime militar.¹⁶

Entre 1962 e 1982 o poder político no estado foi revezado por três coronéis com patentes do exército, período que a historiografia denominaria mais tarde de “ciclo dos coronéis”. O primeiro e mais representativo deles foi o coronel Virgílio Távora, que ficou no governo estadual nos períodos 1962-1966 e 1979-1982. Segundo o sociólogo Josênio Parente, a eleição de Virgílio Távora em 1962 foi resultado de um grande pacto político chamado de *União pelo Ceará*, em que num acordo urdido pelo governador Parsifal Barroso, os maiores partidos do período, PSD e UDN, uniram-se para derrotar Carlos Jereissati, um forte nome que disputava a liderança do PTB com o governador. Ele acrescenta ainda que Távora, eleito

¹⁴ FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, nº 47. Jan.-Jun. 2004, p. 56.

¹⁵ MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará*. 1947-1966. Rio-São Paulo. Fortaleza: ABC Editora, 2005. p. 235-6.

¹⁶ ESTADO DO CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará. *Acervo Virgílio Távora*. Organização Partidária. Arena. Fortaleza, 1967/78. No caso de Tabuleiro do Norte, na região leste do estado, o MDB, apesar de ocupar o poder municipal durante toda a vigência do bipartidarismo, não se constituiu em oposição ao regime.

governador, e Carlos Jereissati, senador, se tornariam as duas grandes lideranças da transição para a ideologia da modernidade no Ceará.¹⁷

Com o golpe civil-militar de 1964, Virgílio Távora, antigo aliado de João Goulart, teve dificuldade de ser aceito pelo novo regime. Mas não tardou a sua adesão ao golpe de 64, dada a sua condição de militar e a intermediação do seu tio Juarez Távora.¹⁸ Durante a ditadura, três militares cearenses assumiram altos postos na nação: o marechal Castelo Branco, na Presidência da República; o marechal Juarez Távora, no Ministério da Viação e Obras Públicas e o general Juraci Magalhães, no Ministério das Minas e Energia.¹⁹ Os governos posteriores, Plácido Castelo, Adauto Bezerra e César Cals mantiveram a aliança com o novo regime.

Segundo Airton de Farias, a Assembleia Legislativa do Ceará foi a primeira do país a cassar Deputados por razões políticas (10 de abril de 1964, antes do primeiro Ato Institucional), e muitos deles foram presos logo em seguida.²⁰ O autor acredita que foi uma forma de limpar a imagem de Távora junto ao novo regime, e apesar de apoiá-lo, continuou merecendo muitas desconfianças por parte do presidente Castelo Branco.

Farias acrescenta que os fatores que contribuíram para as perseguições foram as atitudes dos empresários locais que remeteram à Assembleia e à Câmara Municipal de Fortaleza um memorando pedindo a cassação de parlamentares “subversivos”; a imprensa, como os jornais *O Povo* e *Correio do Ceará*, que publicaram editoriais exaltando a ação das Forças Armadas; a Igreja Católica, que realizou missa em ação de graças em homenagem aos “revolucionários”; setores do movimento estudantil, intitulados de “democratas” e outros segmentos da sociedade, que promoveram em 16 de abril de 1964 a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, com participação estimada em 70 mil pessoas.²¹

Com a adoção do bipartidarismo em 1965, o governador Virgílio Távora foi para a ARENA, que congregava militantes dos antigos e recentemente extintos UDN, PSD, PSP e PTB, enquanto o seu vice Figueiredo Correia foi para o MDB, que reunia membros do PSD, PTB e algumas lideranças de esquerda, ainda não cassadas. O principal interlocutor cearense com a ditadura foi o deputado Paulo Sarasate, que conseguiu eleger o obscuro deputado federal Plácido Aderaldo Castelo (1966-1971) para o Governo do Estado nas eleições de 1966.

¹⁷ PARENTE, Francisco J. O Ceará dos “coronéis” (1945-1986). In: SOUZA, S. (Org.) *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 392-6.

¹⁸ Juarez Távora é um líder político cearense e foi ministro da Viação e Obras Públicas no governo de Castelo Branco. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/producao/dossiês/aeravargas1/biografias. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

¹⁹ Três cearenses no governo. *Correio da Semana*, 18 de abril de 1964.

²⁰ FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007. p. 52.

²¹ *Ibid.* p. 52-3.

Apesar de certo isolamento do Governo Federal, Távora mantinha-se como importante líder político no estado. Com as mortes de Castelo Branco e Sarate, Távora, aliado aos coronéis César Cals e Adauto Bezerra, constituiria o que ficou conhecido como *ciclo dos coronéis* no Ceará. César Cals de Oliveira Filho ascendeu ao posto de líder político por pertencer ao IV Exército, em Recife, onde fez carreira militar, e pelos vínculos que mantinha com o chefe do Sistema Nacional de Informação (SNI), João Batista Figueiredo. Embora considerado pouco hábil na capacidade de articulação política, o seu governo foi marcado pela extensão do autoritarismo no Ceará, criando em 1971 o Sistema Estadual de Informações (SEI), para colher informações dos “subversivos” e até mesmo dos seus aliados coronéis.²²

A ascensão de Adauto Bezerra (1974-1978) foi articulada por Humberto Esmeraldo, um amigo da região do Cariri, muito influente junto a Ernesto Geisel, que o considerava quase um filho.²³ A capacidade de aliar economia e política fez do coronel uma grande liderança que surpreendeu até seus aliados. No *pacto dos coronéis*,²⁴ a ARENA dividia-se em três sublegendas, cada sublegenda liderada por um dos coronéis, que constituíram a força política hegemônica no estado, revezando-se no poder de acordo com alianças que cada coronel estabelecia com o poder federal: ora governo, ora deputado, ora senador. Este era o lema: aliados na cúpula, divididos na base,²⁵ um modelo que se estenderia à política sobralense.

Para Rejane Carvalho, a ditadura inverteu drasticamente o pêndulo das relações entre governo estadual e os chefes políticos municipais, com a nítida “estadualização” de todos os pleitos eleitorais, antecedidos à indicação dos governadores pelo regime militar. A consequência disso foi a redução da importância das chefias políticas regionais. O ápice da força política de cada chefe era atingido no momento de exercício do seu mandato como governador. O governismo, ou seja, a centralização do poder nas mãos do governo do Estado, para autora foi, portanto, aguçado pelo regime militar alterando as regras de disputa eleitoral vigente até então.²⁶

O fim dos anos 1970 e início dos 1980, no Ceará, foi marcado por uma crise da ditadura e do acordo dos coronéis. Virgílio assumiu mais uma vez o governo (1979-1982), mas os coronéis não conseguiram um consenso quanto à indicação do próximo governador, e a decisão

²² FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007. p. 52.

²³ Informação prestada por uma historiadora da Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, sul do Ceará.

²⁴ MOTA, Aroldo. História política do Ceará, *apud* CARVALHO, R. V. A.. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, J.; ARRUDA, J. M.(Org.). *A Era Jereissati – modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. p. 21.

²⁵ CARVALHO, Rejane V. A. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, J.; ARRUDA, J. M.(Org.). *A Era Jereissati – modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. p. 10.

²⁶ *Ibid.* p. 12.

foi tomada à mesa do Governo Federal no *acordo de Brasília*, que escolheu o tecnocrata Luiz Gonzaga Mota para concorrer às eleições de 1982. Bezerra seria o vice, Távora concorreria ao Senado e Cals ficaria com a prefeitura de Fortaleza, tendo como candidato seu filho César Cals Neto.

Embora começasse o governo como um burocrata, Mota mudou sua postura, pois visava ao título de “quarto” coronel, com sua própria facção, “os gonzaguistas;” migrando para o PMDB, partido que neste momento já recebia muita influência dos inimigos do regime. Contudo Mota não se diferenciava dos seus antecessores: clientelismo, empreguismo e desorganização da máquina pública eram características marcantes do seu governo.²⁷

Mas os ventos das diretas começaram a soprar no Ceará. Em 1985, foi eleita prefeita de Fortaleza a petista Maria Luíza Fontenele, fato considerado um marco na história política do estado. No governo do Estado, a nova liderança vinha da burguesia industrial cearense. Paradoxalmente, “o governo das mudanças” nasceu da estrutura econômica montada pelos coronéis e da campanha política pela redemocratização.²⁸ A competência técnica, probidade administrativa e o personalismo seriam marcas dessas novas lideranças que atualmente ainda se sucedem no poder estadual.

A “Revolução” em Sobral

No período do golpe civil-militar de 1964, o prefeito de Sobral era Cesário Barreto Lima, do PTN. O seu principal opositor era Jerônimo Medeiros Prado, da UDN, apoiado por José Euclides Ferreira Gomes. Com o bipartidarismo, ambos foram para a ARENA, criando duas sublegendas: ARENA I, de Prado, e a ARENA II, de Barreto. Os outros partidos se reagruparam no MDB, embora não constituíssem propriamente uma oposição, já que os membros do MDB se aliavam ora a Prado, ora a Barreto.

A postura de alguns setores da sociedade local também foi de apoio à “revolução”. A Igreja Católica, por exemplo, publicou esta mensagem poucos dias após o golpe:

Mensagem de Paz

Dom João Mota

[...]

A revolução vitoriosa que o Brasil esta festejando hoje, é o resultado do grande desejo de Paz, anseio profundo de cada brasileiro, em toda a história do Brasil.

²⁷ FARIAS, Airton de. *História da Sociedade Cearense*. Fortaleza: Livro Técnico, 2004. p. 450.

²⁸ Tasso Jereissati e Ciro Gomes, sucessivamente governos do Ceará, participaram dos comitês pró-diretas no Ceará.

Nas noites escuras das ameaças e da destruição, vê-se com maior clareza o sinal da vitória, deixado pelo Criador no Céu da Pátria. [...]. Que especial privilégio esse do Brasil, de fazer revolução sem sangue! Creio que até os que ameaçam a ordem, reconhecem depois que erravam o caminho. [...].²⁹

Dom Mota era bispo de Sobral durante o golpe, o que significa que o apoio ao golpe era uma postura oficial da Igreja Católica em Sobral. O argumento de *revolução sem sangue* aparece em vários artigos de colunistas locais do jornal *Correio da Semana*, quando das comemorações do aniversário da “Revolução” nos anos seguintes.

Foi instalado no Brasil um Governo Revolucionário de uma sensatez e de equilíbrio notáveis, que não deixou se levar pelos justos clamores de vingança que ecoavam de um extremo a outro da Nação, clamores que não poderiam ser atendidos porque lançariam ao solo pátrio sangue brasileiro, ainda que, de maus irmãos. A Revolução que foi feita **sem efusão de sangue**, continua a ser consolidada **sem sangue**.³⁰ (Grifos nossos).

A principal organização estudantil da cidade, o Centro Estudantil Sobralense, também manifestou sua aliança ao novo regime, pelo menos nos primeiros anos:

Movimento estudantil

Vitória no âmbito nacional das forças armadas.

Vitória no âmbito estudantil da **Linha Nova**.

Aprovada *in totum* a nova diretoria do CES [Centro Estudantil Sobralense] [...]

Estudantes **democratas** assumiram a direção do Centro dos Estudantes Secundaristas do Ceará (CESC).³¹ (Grifos nossos)

Em várias gestões do CES fica muito evidente, senão o apoio à ditadura, a indiferença da diretoria à realidade política.

O Presidente Castelo Branco veio a Sobral duas vezes durante a gestão de Cesário Barreto. Na primeira vez, em 1965, ele visitou a Companhia de Eletrificação do Norte Cearense (CENORTE), as obras da fábrica de cimento do grupo Antônio Ermírio de Moraes, do Centro Social que homenageia a esposa falecida, Argentina Castelo Branco e as obras do Hotel Municipal, oportunidade em que recebeu o título de cidadão sobralense:

²⁹ *Correio da Semana*. Sobral, 4 de abril de 1964.

³⁰ MARTINS, Aurélio. *Revolução e o Brasil (I)*. *Correio da Semana*. Sobral, 1º de maio de 1965.

³¹ *Correio da Semana*. Sobral, 11 de abril de 1964. *Democratas* eram como os estudantes aliados do golpe se intitulavam.

Sobral viveu das 10 às 14 horas, no dia 28, os maiores momentos de alegria e vibração, com a visita do eminente Presidente da República Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. O prefeito Cesário Barreto Lima, marcou mais um grande tento para sua profícua administração, trazendo pela primeira vez na história do município, um choque de nação em pleno exercício, um chefe na nação de suas elevadas funções. Dois pronunciamentos foram feitos pelo presidente Castelo Branco, na Princesa do Norte. O primeiro por ocasião do lançamento da pedra fundamental do “Centro Social Dona Argentina Castelo Branco”, justa homenagem, da prefeitura a saudosa memória da esposa do Marechal Castelo Branco. [...] o ilustre visitante, em brilhante discurso falou sobre os objetivos da Revolução, finalidade dos Atos Institucionais, da necessidade das reformas constitucionais, terminando a sua oração com as seguintes palavras: “*O título de Cidadão Sobralense, que agora recebo enobrecido me identifica com a tradição deste município e com a permanente aspiração de Sobral, que é a de todo Brasil, de viver a democracia. Uma democracia na base da realidade brasileira, em cuja prática as lideranças atuais proporcionem o surgimento nas gerações que seguem de líderes autênticos e renovadores. [...]*”.³² (Grifo nosso).

As atas da Câmara nos anos seguintes dão sinais de continuado apoio ao novo regime.³³ Na justificativa do Projeto de Lei que previa o título de cidadania sobralense ao presidente Castelo Branco, há uma clara manifestação da comunhão do Poder Legislativo sobralense com a ditadura:

O relevante serviço público prestado ao Brasil pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, à frente de uma Revolução que modificou os destinos e a história brasileira, conquistou-lhe a admiração e o respeito de todos os seus patrícios e de todos os brasileiros de boa vontade, voltados para o futuro de nossa pátria e de seus filhos. Presidente da República numa conjuntura das mais difíceis e pontilhada de incertezas para a vida nacional e a sobrevivência da civilização na face da terra, o ilustre e bravo cearense tem-se mostrado **o timoneiro indormido e vigilante, indiferente aos gritos dos fanáticos e às armadilhas dos subversivos e corruptos**, dedicado única e exclusivamente para os interesses do Brasil e dos brasileiros.

.....

E, nada podendo lhe dar de mais significativo que a nossa cidadania honorária, como penhor desse nosso reconhecimento e admiração, apresentamos a essa augusta Casa o projeto de lei em apreço, que, temos a certeza, merecerá a unânime e entusiástica aprovação dessa Casa.³⁴ (Grifo nosso).

³² O Marechal da Revolução em Sobral. *Correio da Semana*. Sobral, 1º de janeiro de 1966.

³³ As atas da Câmara Municipal de Sobral do período do golpe foram perdidas.

³⁴ CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Projeto de Lei nº 26/65*. Sobral, 28 de outubro de 1965.

Ainda por toda a década de 1970, a “revolução” mereceu elogios dos empresários locais. Uma nota no jornal informou sobre a programação do SESI (Serviço Social da Indústria) para as comemorações do aniversário do golpe de Estado:

SESI comemora aniversário da Revolução

Em homenagem ao 6º aniversário da Revolução do ano de 1964, o SESI, agência de Sobral, convidou o Tenente José Faustino do Nascimento, para dar uma palestra sobre a significativa data, aos alunos dos cursos populares. Dada a sua grande capacidade intelectual, o Ten. Faustino, fez a explanação do assunto de um modo bem claro ressaltando sempre o nome do Presidente que tanto trabalha em prol da Paz em nosso País.³⁵

Mas o principal aliado do novo regime na cidade foi o poder executivo. Mesmo sendo revezado por grupos diferentes, ora Prado, ora Barreto, a Prefeitura Municipal de Sobral foi uma fiel aliada do regime militar durante toda a sua vigência no país.

Prado e Barreto

O poder local no município de Sobral durante todo o regime militar esteve nas mãos das facções Prado e Barreto, grupos políticos que se revezaram na administração municipal de 1963 a 1996. José Sabóia, Francisco Monte, Dom José Tupinambá da Frota e Padre Palhano Sabóia foram as principais lideranças políticas que antecederam e influenciaram na formação das facções Prado e Barreto no poder político da cidade.

José Sabóia de Albuquerque foi o líder da UDN em Sobral até 1950, ano em que faleceu. Francisco Monte, sogro de Parsifal Barroso, governador do Ceará entre 1959 e 1962, foi aliado de Sabóia na UDN, separando-se nos anos 50, quando foi militar no PTB, legenda que representou como deputado federal até 1961.³⁶ No novo lugar que ocupou na política local, Chico Monte se aliou ao principal adversário político de Sabóia, o bispo Dom José Tupinambá da Frota, que embora não fosse filiado a nenhum partido político, exercia muito poder na cidade de Sobral. Essa aliança durou até 1958, quando Dom José rompeu com Monte para apoiar o seu afilhado Padre Palhano Sabóia.³⁷ A partir daí Cesário Barreto Lima ingressou na política

³⁵ *Correio da Semana*. Sobral, 11 de abril de 1970.

³⁶ CAVALCANTE, Arnaud de Holanda. *Sociedade sobralense vultos em destaque*. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. p. 168.

³⁷ COSTA, Lustosa da. *Sobral, cidade de cenas fortes*. Rio; São Paulo; Fortaleza: ABC Editora, 2003. p. 64.

como grande articulador financeiro da campanha do candidato da Igreja de Dom José T. da Frota, pela UDN.

Segundo o cronista César Barreto, a vaidade, o jogo de intrigas e os interesses políticos contrariados acabaram por provocar em pouco tempo o rompimento político de Cesário Barreto com o padre Palhano Sabóia, e o primeiro passou a comandar violenta campanha contra o filho adotivo de Dom José T. da Frota.³⁸ Nas eleições de 1962, Palhano Sabóia fez oposição a Barreto, apoiando a candidatura de Jerônimo Medeiros Prado.³⁹ Tais disputas renderiam mais tarde a cassação de Sabóia como deputado federal, em 1964, comemorada com muita festa pelo grupo político Barreto.⁴⁰ Palhano Sabóia e Barreto fizeram as pazes em 1969, mas se desentenderam novamente em 1975.⁴¹

Ao analisar a história política do Ceará, Josênio Parente afirma que as elites políticas da região norte do estado se caracterizam pela falta de fidelidade partidária e pela independência política na relação com a esfera estadual e nacional, tornando-os menos coesas e mais fragmentadas.⁴² O período entre 1945 e 1964 caracteriza-se pela existência de partidos nacionais; entre os mais fortes estão o Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), todos com representação em Sobral.

Segundo Penha Ribeiro,⁴³ 1962 foi o ano em que se iniciou a formação das facções Prado e Barreto na política em Sobral, tendo como chefes políticos Jerônimo Medeiros Prado, pela UDN, apoiado pelas famílias Sabóia e Ferreira Gomes, e Cesário Barreto Lima, pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN), o qual se uniu ao grupo da *União Pelo Ceará*, de Virgílio Távora, já que havia rompido com a facção montista e Parsifal Barroso.⁴⁴

Cesário Barreto Lima nasceu em Sobral - Ceará. Foi empresário, pracinha do exército, desportista, presidente da Associação Comercial, sócio do Rotary Clube, diretor da indústria de laticínios Lassa em 1969.⁴⁵ Sua família originou-se no município de Jaguaratama, passando por Crateús e São Benedito, no mesmo estado. Ele é sobrinho do jornalista Deolindo Barreto Lima,

³⁸ LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2. ed.. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. p. 165.

³⁹ COSTA, *op. cit.*, nota 72, p. 71.

⁴⁰ MELO, João Abdelmoumen. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra em 2004.

⁴¹ COSTA, *op. cit.*, nota 72, p. 95.

⁴² PARENTE, F. Josênio. O Ceará dos “coronéis” (1945-1986). In: SOUZA, S. Org. *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 383.

⁴³ RIBEIRO, Penha Magalhães. *Da Santa Maioria à Taperuaba*: um breve estudo da oligarquia Barreto no distrito de Taperuaba (1962-1992). Sobral: UVA, 2001 (Trabalho de Conclusão de Curso). p. 24.

⁴⁴ *Ibid.* p. 25.

⁴⁴ RABELO FILHO, José Valdenir. *Uma Sobral, muitas Cidades*: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966). Sobral: UVA, 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso). p. 59.

⁴⁵ *Correio da Semana*. Sobral, 10 de maio de 1969.

assassinado nas dependências da Câmara Municipal de Sobral no ano de 1924.⁴⁶ Ingressou na política sobralense em 1962, com a eleição municipal que o fez prefeito de Sobral entre 1963 e 1966 e deputado federal nos anos 1970.⁴⁷ Muitos membros da família foram residir no Rio de Janeiro, onde fizeram carreira política ou militar.

Há um periódico dos anos 1970, que circulava na família Barreto, intitulado: *Mensagem – periódico para notícias da família Barreto e afins*.⁴⁸ Nesse material é possível encontrar o histórico da família, enfatizando conquistas e perdas. Nas Forças Armadas foram listados 31 parentes, entre eles 7 generais. Dentre os mais conhecidos, está Luiz Flamarion Barreto, intelectual do exército, membro da Academia de História Militar, a quem é atribuída proteção a Cesário Barreto durante a vigência da ditadura, e Adalberto Barreto, ministro do Superior Tribunal Militar, em 1958.⁴⁹ Mais um membro da família assumiu o poder municipal durante a ditadura: Joaquim Barreto Lima (1971-1972 e 1983-1988).

Jerônimo Medeiros Prado é originário de São Vicente - Jaibaras, atual distrito de Sobral. Nos anos 1930 tornou-se comerciante. Na seca de 1958 ganhou licitação pública para abastecer os flagelados da seca com o depósito de alimentos, o que lhe rendeu uma boa condição financeira. Na década de 1960 foi sócio do Cine Alvorada, e em 1970, agente fundador da indústria de óleos vegetais *Brasil Oiticica*; ambas funcionaram até os anos 1990. Sua condição de agropecuarista e importante comerciante o aproximou de lideranças políticas, como José Sabóia, que o levou a ingressar na UDN. A eleição de 1962, contra Cesário Barreto, credenciou-o como novo nome na política local,⁵⁰ elegendo-o no pleito seguinte, 1967-1971.⁵¹ A passagem pela administração pública é lembrada pela fundação da Universidade Vale do Acaraú, em 1968, com recursos do município, que mais tarde transformou-se em Universidade Estadual Vale do Acaraú, e pela elaboração do primeiro plano diretor da cidade de Sobral, em 1967. Sua biografia o caracteriza como homem simples, honesto, respeitado pela sua serenidade e capacidade de articulação política: “pacífico, humilde, inteligente, operoso e cheio de bom senso”.⁵² José Parente Prado foi o único membro da família a sucedê-lo na administração

⁴⁶ LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2. ed.. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. p. 174.

⁴⁷ CAVALCANTE, Arnaud de Holanda. *Sociedade sobralense vultos em destaque*. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. p. 127.

⁴⁸ A edição do periódico era feita pelo Jornal Correio da Semana.

⁴⁹ *Mensagem*. Periódico para notícias da família Barreto e afins. Sobral, 1975.

⁵⁰ LIMA NETO, José. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. Sobral, 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso). p. 11-26.

⁵¹ CAVALCANTE, Arnaud de Holanda. *Sociedade sobralense vultos em destaque*. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. p. 245.

⁵² SOARES, José T. (Org.). *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003. p. 38.

municipal, por dois pleitos (1973-1976 e 1989-1992) e foi deputado por três legislaturas. A eleição de 1977 foi a única em que uma facção fez o sucessor. O grupo Prado lançou a candidatura do seu aliado José Euclides Ferreira Gomes Júnior, que mais tarde criou sua própria facção política, transformando-se em concorrente na disputa pelo poder municipal.

A ARENA, no Ceará, teve hegemonia durante todo o regime militar, mas não foi tranquilo seu “reinado”. Ela atuou bastante fragmentada, dividindo-se em duas sublegendas na maioria dos municípios, e em alguns casos, até em três. Em Sobral, a ARENA teve posição majoritária e dividiu-se em três sublegendas. A partir das eleições de 1982, a ARENA assumiu a denominação de Partido Democrático Social (PDS), mantendo ainda suas sublegendas com que disputou esta eleição com o PMDB e o PT.⁵³

De acordo com relatórios da agremiação partidária, ao longo do regime vários membros do MDB migraram para ARENA, embora o contrário também seja verdadeiro. O MDB foi crescendo gradativamente, e a partir da década de 1970, a disputa ficou mais acirrada. Na cidade de Farias Brito, por exemplo, na década de 1970, 141 funcionários da prefeitura municipal aliados à ARENA foram substituídos por emedebistas.

No texto que escreveu sobre partidos políticos no Brasil, Rogério Schmitt cita a cientista política Maria Dalva Kinzo, que afirma:

o propósito estratégico do regime era montar um sistema partidário organizado em termos de apoio ou oposição ao governo, reunindo em uma única legenda todos os congressistas cujas tendências políticas fossem favoráveis ao regime, e num modesto partido de oposição as forças políticas restantes.⁵⁴

Schmitt acrescenta que o princípio era criar organizações provisórias; daí nenhuma das novas legendas oficializadas em 1966 apresentarem a palavra “partido” em sua denominação. Segundo Rodrigo Motta, o MDB teve muita dificuldade de ser aceito pelas esquerdas, excetuando-se o PCB, que seria o único grupo organizado de esquerda a se ligar ao MDB desde o início. A partir de 1974-75, vários grupos começaram a se aproximar do partido, por diversas razões: pela credibilidade construída pelos “autênticos”⁵⁵ em 1973-74; pelos esforços dos emedebistas em se aproximarem dos movimentos sociais e da intelectualidade e a divulgação mais eficiente de imagem efetivamente oposicionista, mostrando-se um partido preocupado

⁵³ Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Secretaria de Informática. Coordenação de Estatística e Informações Eleitorais. Seção de Estatísticas. Eleições Municipais de 15 de novembro de 1866, 1970, 1972, 1976, 1982 e 1988. – Município de Sobral.

⁵⁴ SCHMITT, Roberto. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Coleção Descobrimos o Brasil). p. 33.

⁵⁵ Autênticos foi uma expressão criada pela imprensa do período para caracterizar os militantes fiéis ao MDB.

com os problemas sociais e empenhado na luta pela democracia.⁵⁶ A fragmentação da oposição, por meio do pluripartidarismo, seria a próxima estratégia política que socorreria o regime até as eleições de 1985.⁵⁷ Mota caracteriza a ARENA como importante instrumento político, que garantiu ao regime significativas vitórias nos pleitos de 1966 e 1970, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país.

No trabalho sobre a memória política da ARENA, Lúcia Grinberg mostra que a história da ARENA envolve uma disputa pela memória tanto da UDN (União Democrática Nacional) quanto do Partido Social Democrático (PSD). A ARENA é lembrada com a imagem de subordinação e adesismo aos militares no executivo, um perfil negativo, já que significa a participação após o sucesso do movimento de 1964, e não a atuação efetiva no processo.⁵⁸ “[...] O MDB era referido como partido do ‘sim’ e a ARENA como partido do ‘sim, senhor’, o que significa dizer que ambos ‘se dobravam à vontade do poder, mas a Arena o fazia com mais servilismo e menos pudor’”.⁵⁹

Segundo a autora, a historiografia sobre a ARENA questiona a compreensão desta como partido: pela limitada influência no governo ou pela diversidade de origens partidárias de seus membros. Ela defende a ideia de que se a ARENA foi instituída pelo regime militar, seus membros não o foram, apresentando uma grande maioria de militantes com longa prática na política partidária.⁶⁰ Grinberg conclui que a ARENA foi um bode expiatório ao inverso do regime militar: fraca, risível e sem poder nenhum. Todavia, continua a autora, é preciso reconhecer que é representativa de boa parte da história dos partidos políticos no Brasil: UDN, PSD e até PTB, formando grande parte da geração seguinte de políticos, quando as alternativas se limitavam à mesma e ao MDB.⁶¹

No caso do Ceará, a ARENA foi um grupo bastante heterogêneo e dividiu a representação do regime com o MDB. Nos relatórios do partido no Ceará, foram encontradas discussões em torno do papel da ARENA no governo ditatorial. Num texto sobre as perspectivas para as eleições de 1978, a situação do partido era considerada bastante preocupante, dado o crescimento do MDB em nível nacional. Dentre as providências que o

⁵⁶ MOTTA, Rodrigo Pato Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J. *Revolução e democracia – 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 295.

⁵⁷ *Ibid.* p. 47.

⁵⁸ GRINBERG, Lúcia. Uma memória política sobre a Arena: dos “revolucionários de primeira hora” ao “partido do sim, senhor”. In.: REIS, Daniel Aarão et al.(Orgs). *O Golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 143.

⁵⁹ MOTTA, Rodrigo de Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*: Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 118.

⁶⁰ *Ibid.* p. 149.

⁶¹ *Ibid.* p. 158.

partido deveria tomar para continuar liderando estavam: “a Arena precisa deixar de ser *partido Do governo para ser partido No governo*”, e deveria ocorrer uma forte integração entre as esferas municipal, estadual e federal.⁶²

Apesar das dificuldades vivenciadas pela agremiação, não se crê que isso indique que a ARENA, pelo menos no Ceará, tenha sido risível, fraca e sem poder, como sugere Grinberg na afirmação acima. A agremiação, mesmo fragmentada, era a representante oficial do regime político vigente; portanto ocupava os postos majoritários na vida política nos estados e municípios. Era por meio da ARENA que os recursos, os cargos e a proteção aos correligionários chegavam aos interiores do país, com ou sem eleição. Talvez a leitura de Grinberg se aplique à segunda metade dos anos 1970, quando o MDB começa a crescer, recebendo em seus quadros vários membros, os quais mais tarde constituiriam os partidos de esquerda. Ainda assim, a agremiação ocupava lugar privilegiado junto ao regime.

O Quadro 1 mostra os mandatos no executivo em Sobral ao longo do regime militar.⁶³ A partir desse quadro, percebe-se uma interrupção no revezamento entre Prado e Barreto nas eleições de 1976, quando pela primeira vez o grupo Prado conseguiu fazer seu sucessor: José Euclides Ferreira Gomes Júnior. Apesar de vir de família tradicional, o advogado Ferreira Gomes era desconhecido na militância política; por isso foi fundamental o apoio de José Prado à eleição. Depois de eleito, o Ferreira Gomes cindiu do grupo dos Prado, constituiu uma terceira facção, a ARENA 3.

Quadro 1 – Prefeitos de Sobral-CE (1962-1988)

PREFEITOS	PERÍODOS	PARTIDOS
Cesário Barreto Lima	1963-1966	PTN
Jerônimo Medeiros Prados	1967-1970	ARENA 1
Joaquim Barreto Lima	1971-1972	ARENA 2
José Parente Prado	1973-1976	ARENA 1
José Euclides Ferreira Gomes Júnior	1977-1982	ARENA 1
Joaquim Barreto Lima	1983-1988	PDS – 2

Fonte: Elaborado pela Autora a partir de fontes diversas

⁶² ESTADO DO CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC. Acervo Virgílio Távora. Organização Partidária. Arena. Fortaleza, 1967/1978. (Documento sem nota tipográfica)

⁶³ Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Secretaria de Informática. Coordenação de Estatística e Informações Eleitorais. Seção de Estatísticas. Eleições Municipais de 15 de novembro de 1966, 1970, 1972, 1976, 1982, 1988 e 1992 – Município de Sobral. www.tre-ce.gov.br. Acesso em 20 de junho de 2011. Não há registro da eleição de 1985 em Sobral.

Nas eleições de 1982, Prado e Barreto voltaram a disputar o poder municipal, sendo Barreto vitorioso. O fortalecimento do grupo Ferreira Gomes obrigaria os velhos chefes a se unirem na eleição de 1988.

Josênio Parente, ao estudar a política no Ceará republicano, caracteriza as elites cearenses como estruturalmente frágeis, se comparadas com as de outros estados do Nordeste, como Pernambuco e Bahia, por exemplo. Algumas razões para esta singularidade, segundo o autor, seriam as condições climáticas que afetam o estado, com secas periódicas, trazendo interferência na vida política, ainda não explorada significativamente pela historiografia, e a divisão do estado em três regiões políticas não articuladas: Sobral, Cariri e Sertão Central. A respeito desse assunto, fala Josênio Parente:

A família, no Ceará, não indica oligarquia e nem é critério de fidelidade partidária, sobretudo em se tratando da zona norte do estado. A fidelidade circunstancial está na capacidade de distribuir recurso em momentos específicos. O clientelismo, então, não é sinônimo de coronelismo, de oligarquias fortes internamente, mas um mecanismo tradicional de criar fidelidades quando a ideologia não consegue.⁶⁴

Mesmo no final dos anos 80, quando se desmontou a estrutura dos coronéis em nível estadual, Prado e Barreto continuaram liderando em Sobral. Apesar de se configurarem como aliados do regime militar e terem práticas políticas muito semelhantes, Prado e Barreto foram opositores durante trinta anos em que se revezaram no poder local; as renhidas campanhas eleitorais para o legislativo e o executivo são os melhores exemplos dessa assertiva.

As relações com o Regime Militar

Os primeiros anos do regime autoritário foram de instabilidade econômica, mas as boas relações de Cesário Barreto com o governador Virgílio Távora e o presidente Castelo Branco não deixaram Sobral para trás. Já em 1964 foram instaladas a *Moageira Serra Grande Ltda* e *Del Rio refrigerantes*. Além das indústrias, os serviços receberam investimentos do poder local, especialmente no ano de 1965. Na prestação de contas da sua administração, o prefeito Cesário Barreto destaca: “Fomento à Produção; Instrução Pública; Previdência e

⁶⁴ PARENTE, Josênio. In: SOUZA, Simone. (Org.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 386.

Assistencia Social; Habitação e Serviços Urbanos’ e outros serviços complementares [...] de sua profícua administração.”⁶⁵ O sistema de telefonia também foi melhorado com a inauguração do sistema de micro-ondas.⁶⁶

Várias outras obras de infraestrutura e serviços foram noticiados pela imprensa durante a administração de Cesário Barreto no ano de 1965, como a verba de 45 milhões de cruzeiros na construção do *Mercado Público*, que seria uma de suas maiores realizações;⁶⁷ a verba de 10 milhões de cruzeiros, que o prefeito conseguiu junto ao governador Virgílio Távora para a extensão do *serviço de águas até as casas populares que estavam sendo construídas pela prefeitura*;⁶⁸ a inauguração do moderno *galpão* para verdureiros junto ao Mercado Municipal, construído em curto espaço de tempo; a nova *Avenida Eurípedes Ferreira Gomes* que dá acesso ao clube AABB, também construída em parceria com o Governo do Estado ⁶⁹ e a *fábrica de cimento de Sobral*, que deveria ser concluída até o fim do corrente ano.⁷⁰

De acordo com estudo de Luís Prado, as bases para o “milagre econômico” (1960-1973)⁷¹ estavam montadas. Uma combinação virtuosa entre a política econômica e o substancial crescimento da economia mundial garantia a sustentação do regime e a repressão aos movimentos oposicionistas.⁷²

Os resultados do projeto econômico plantado nos primeiros anos do regime militar apareceram efetivamente em Sobral na administração de Jerônimo Prado, quando foram instaladas três importantes empresas na cidade: a *Companhia Sobralense de Material de Construção* (COSMAC-1965); *Lactícinio Sobralense Limitada* (LASSA-1969) e *Industrial Cearense de Castanha de Caju* (INCASSA-1968), com o beneficiamento da matéria-prima regional.⁷³

Assim, o município contava na década de 1960 com um parque industrial diversificado: aproveitamento dos produtos agrícolas e extrativos (algodão, mamona e oiticica);

⁶⁵ *Correio da Semana*. Sobral, 22 de maio de 1965.

⁶⁶ *Correio da Semana*. Sobral, 26 de junho de 1965.

⁶⁷ *Correio da Semana*. Sobral, 05 de junho de 1965.

⁶⁸ *Correio da Semana*. Sobral, 12 de junho de 1965.

⁶⁹ *Correio da Semana*. Sobral, 18 de abril de 1965.

⁷⁰ *Correio da Semana*. Sobral, 01 de maio de 1965.

⁷¹ Segundo Damião Lima, a denominação “Milagre Econômico” para o período de 68/73 foi dada pelos próprios técnicos do governo, numa alusão ao desenvolvimento japonês e alemão que também tiveram essa denominação. LIMA, D. *Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)*. 2004. Tese. (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 20.

⁷² PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In.: *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 207.

⁷³ ALMEIDA, Diego Gadelha de. *Indústria e Reestruturação Sócio-Espacial: A Inserção de Sobral (CE) na Divisão Espacial da Produção Calçadista*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008. p. 73.

indústrias diversificadas (curtume, sandálias, móveis, molas, refrigerantes) e a implantação planejada. Merece destaque, ainda, o artesanato de chapéu de palha de carnaúba, que foi criado em 1910, chegando à década de 1960 como principal produto exportado pelo município, vendido em escala internacional.⁷⁴

A ampliação dos serviços de água, energia, comunicações e habitação, a elaboração do primeiro Plano Diretor e a criação de uma universidade municipal são heranças da parceria de Jerônimo Prado como o regime militar, que trouxe para Sobral os frutos do “milagre” econômico. A cultura desenvolvimentista disseminada em nível nacional foi propagada na cidade pelo jornal *Correio da Semana*. A instalação de indústrias, obras de infraestrutura, encontros desenvolvimentistas, tudo era noticiado nas páginas do semanário, que não fazia distinção entre as administrações Barreto e Prado, afinal, ambos eram da ARENA, e por sua vez aliados ao projeto político do regime militar.

A propaganda ficou evidente especialmente no ano de 1968. “*Sobral crescerá mais em 68*”, “*Sobral, arrancada para o desenvolvimento*”, foi o lema lançado pelo jornal. O número de 13 de janeiro de 1968 enumera um conjunto de indústrias que estavam sendo instaladas na cidade e seu efeito na economia local:

Indústria

Sobral já dispõe de várias indústrias, porém ainda temos muito a expandir nesse campo inesgotável da nossa região – O Pudine projetou e está ajudando a instalar mais três, Lassa, Cosmac e Incassa – Indústria de lenços é pioneira.

LASSA

Laticínios de Sobral, S.A. é sem dúvida a maior dentre as demais que funcionarão em 1968. Seu capital será da ordem de mais de mil cruzeiros novos e seu funcionamento revolucionará a pecuária da região, desenvolvendo-a e tornando-a a mais rentável do Ceará [...].

COSMAC

Companhia de material de construção – Aproveitando a boa matéria prima e um razoável mercado, eis que surgirá a nossa indústria propriamente dita de material de construção. [...]. Novas oportunidades de empregos, possibilidade de exportar para as demais cidades da zona norte é enriquecimento do nosso parque industrial.

INCASSA

[...] Vemos com grande entusiasmo e confiança de melhores dias a instalação desta nova indústria de grande alcance social também. Sobral tem seus motivos de esperança para 1968.

[...]

⁷⁴ *Ibid.* p. 74.

Indústria de lenços também é progresso

O Sr. Nelson Albuquerque confia no espírito de todos os nossos comerciantes, no sentido de dar preferência aos seus produtos, bem como em todo o estado, para que essa preferência seja sempre crescente para o seu desenvolvimento, que será também o desenvolvimento de Sobral, do estado e do Nordeste.⁷⁵
(Grifo nosso)

Percebe-se nesses textos uma euforia desenvolvimentista. Essas ideias se inseriam no conjunto discursivo que emanava do Governo Federal no intuito de criar uma cultura de desenvolvimento. Mesmo nos artigos em que são ressaltados os problemas econômicos, as críticas são sempre construtivas, incentivadoras ao governo e ao desenvolvimento local: “Sem energia de Paulo Afonso em Sobral não teremos fábrica de cimento. [...] Os líderes devem se movimentar e é bom que se verifique se tudo corre dentro do prazo normal e hábil.”⁷⁶

Além das obras de industrialização, o *Correio da Semana* enumera várias outras obras executadas durante a administração de Jerônimo Prado na cidade, tais como: a Fundação Universidade Vale do Acaraú – UVA (1968); a construção do Estádio Plácido Aderaldo Castelo (1968); da Casa de Saúde e Maternidade Perpétuo Socorro – Hospital Dr. Estêvam (1970); a conclusão do Aeroporto de Sobral (1971); da Rodovia Sobral-Fortaleza (1968); grupos escolares nos distritos; Fábrica de Cimento Portland (1968); Distrito Sanitário da 2ª Região de Sobral, entre outras. Mesmo com a crise do “milagre”, vários investimentos continuaram a serem feitos no município nas administrações de Joaquim Barreto e José Prado ao longo das décadas de 1970-80.

A política de união na cúpula e divisão nas bases, praticadas pelos governos estaduais e seguidas pelas lideranças sobralenses, obscureceu, em diversos momentos, os reais aliados da ditadura. Na disputa por privilégio junto ao governo militar, os grupos reproduziam as mesmas práticas das disputas entre a direita e a esquerda: delação, cassação, abuso de poder, ameaça e prestígio pessoal.

Em 1964, por exemplo, depoentes que nos concederam entrevista afirmam que os Barreto foram determinantes na cassação do deputado Padre Palhano de Sabóia, pelas boas relações que a família tinha com as Forças Armadas. A cassação teria sido determinada apenas na madrugada, a última cassação homologada naquela data. A demora na decisão, diz um depoente, dava-se porque “Castelo Branco não gostava de cassar padre”,⁷⁷ porém os Prado, aliados a Palhano Sabóia, também tinham prestígio junto aos militares. O resultado foi tão

⁷⁵ *Correio da Semana*. Sobral, 13 de janeiro de 1968.

⁷⁶ *Correio da Semana*. Sobral, 6 de janeiro de 1968.

⁷⁷ MELO, João Abdelmoumen. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra, 2004.

comemorado pelos Barreto que até monsenhor Sabino Loiola, defensor fiel da ditadura e inimigo de Sabóia, questionou a postura dos Barreto.⁷⁸

No mesmo ano os vereadores pradistas elaboraram um abaixo-assinado, acusando o prefeito Cesário Barreto de comunista. De acordo com documentos da Justiça Militar, no dia 22 de maio de 1964 foi enviado à 10ª Região Militar em Fortaleza um abaixo-assinado dos vereadores da Câmara Municipal de Sobral, informando que o então prefeito de Sobral estaria envolvido com grupos subversivos, conforme segue:

Os abaixo assinados, Vereadores da Câmara Municipal da cidade de Sobral, neste Estado, imbuídos dos mais nobres sentimentos de brasilidade e confiança nos dignos chefes militares de nossas bravas Forças Armadas, nessa fase árdua de recuperação nacional, vimos com devida vênia, levar ao conhecimento de V. Excia., para que sejam adotadas as devidas providencias de acordo com o que estabelece o Ato Institucional baixado pelo Comando Supremo da Revolução, fatos que reputamos graves e lesivos aos interesses nacionais e atividades subversivas, em que estão implicados o atual prefeito do Município de Sobral, Sr. Cesário Barreto Lima, bem como dois vereadores da comuna.

Pelos documentos anexos, comprovadas pelas fotografias inclusas, poderá V. Excia. aquilatar da gravidade que os mesmos denunciam.⁷⁹

Ao documento foram anexados: cartaz da campanha eleitoral de 1962, em que Cesário Barreto aparece ao lado de candidatos do Partido Comunista, que tiveram seus mandatos cassados depois do golpe,⁸⁰ e fotos do prefeito junto aos ferroviários após uma vitória do movimento grevista. Nesse período, os ferroviários eram uma das categorias de trabalhadores mais organizadas.

O prefeito foi intimado a depor no vigésimo terceiro Batalhão de Caçadores do Exército (23º BC) e levou consigo vários documentos que comprovavam sua fidelidade ao regime, reconhecida pela “boa sociedade sobralense”. Dentre os documentos em sua defesa estão: artigos de revista e jornais, em que manifesta seu apoio aos militares, além de cartas de

⁷⁸MELO, João Abdelmoumen. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra, 2004.

⁷⁹ Abaixo-assinado dos vereadores da Câmara Municipal de Sobral endereçado à 10ª Região Militar, datado de 22 de maio de 1964. Autos de Inquérito Policial Militar. Fortaleza, 11 de junho de 1964. Acervo Anistia 64/68.

⁸⁰ O Deputado Federal Adahil Barreto teve a suspensão de direitos políticos e mandato cassado a 10 de abril de 1964, e Aníbal Fernandes Bonavides, que então exercia sua profissão de advogado, tem a suspensão de direitos políticos definida em 8 de junho do mesmo ano. OLIVEIRA, Paulo Affonso Martins de. *Atos Institucionais: sanções políticas: aposentadoria, banimento, cassação de aposentadoria, cassação de disponibilidade, cassação de mandato, confisco de bens, demissão, destituição de função, dispensa de função, disponibilidade, exclusão, exoneração, reforma, rescisão de contrato, suspensão de direitos políticos, transferência para a Reserva*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2000. (Série Documentos de História Política; n.º 4). Ver páginas 9 e 32, respectivamente. *Apud* RABELO FILHO, José Valdenir. *Uma Sobral, muitas Cidades: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966)*. Sobral: UVA, 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso). p. 59.

sociedades beneficentes, agradecendo o apoio do prefeito a tais instituições e prestação de contas à Câmara Municipal que comprovavam sua probidade administrativa.⁸¹

A acusação de comunista a Barreto pode parecer esdrúxula hoje, quando podemos visualizar sua trajetória política marcadamente de direita, mas nos anos 1960, quando iniciava sua vida política, tachar uma pessoa de comunista era uma acusação corriqueira para tirar de cena qualquer desafeto. Além do mais, era de conhecimento público a existência de “rebelde” na família Barreto. O polêmico jornalista Deolindo Barreto, que morreu desafiando o autoritarismo, deixou como herança um filho comunista, que embora não atuasse em Sobral, mantinha relação com a família e não escondia sua identidade ideológica. O coronel da Força Aérea Brasileira (FAB), Jocelyn Barreto Brasil, primo de Cesário Barreto, passou grande parte de sua vida conciliando o que parecia inconciliável, a vida militar e a militância comunista. Com a ditadura de 1964, o Estado fez a sua escolha, expulsando-o da FAB. Entre as décadas de 1950 e 1990, Brasil escreveu vários livros expressando seu pensamento político, entre eles: *A invasão dos americanos no Brasil e Marxismo – a varinha de condão*.⁸²

Outro episódio importante também deve ser citado. Encontramos nas atas da Câmara de 1967 um pedido do vereador cesarista Francisco Lourival Fonteles,⁸³ para concessão do título de Cidadão Sobralense ao senhor João Sales, o mais famoso comunista da cidade, militante do PCB desde 1935, preso várias vezes, acusado de subversão.⁸⁴ No mês seguinte, esse mesmo grupo acusa a presidência do legislativo de *prática ditatorial*,⁸⁵ pelo não encaminhamento dos seus projetos ao executivo, e pede a demissão do presidente da Casa, baseado nas certidões do DOPS de 1952 que o apresentam com uma conduta questionável.⁸⁶

As disputas entre os próprios aliados do regime, ora assume o discurso de oposição, ora de situação, obscurecendo os reais papéis desses sujeitos, o que caracteriza uma falta de

⁸¹Ministério da Guerra. IV Exército. 10ª Região Militar. Radiograma oficial solicitando ao prefeito municipal de Sobral, Cesário Barreto Lima, depor em Inquérito Policial Militar no 23º BC. Fortaleza, 16 de junho de 1964. Acervo Anistia 64/68.

⁸²“O andarilho da utopia”. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 9 de junho de 1999.

⁸³CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 50ª Sessão Ordinária*. Sobral, 18 de setembro de 1967. Estiveram presentes 13 vereadores.

⁸⁴DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL, *Prontuário n.º 13*. Secretaria de Polícia e Segurança Política do Estado do Ceará, Seção de Investigações e Segurança Política. Arquivo da *Associação Anistia 64/68*. Fortaleza-CE.

⁸⁵CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL *Ata da 59ª Sessão Ordinária*. Sobral, 2 de outubro de 1967. Estiveram presentes 11 vereadores.

⁸⁶CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 62ª Sessão Ordinária*. Sobral, 10 de outubro de 1967. Presentes 11 vereadores.

identidade entre os aliados do regime militar, que parecia chegar de forma muito diferente nos interiores brasileiros.⁸⁷

Ricardo Mendes, na tese de doutorado sobre as direitas no Brasil, identifica projetos diversos entre os executores da “revolução”. Para ele, havia alguns pontos comuns nos projetos das direitas, que as uniram em prol do golpe de 1964: combate ao comunismo, à corrupção, à subversão e quanto às condições de enfrentamento cada vez mais radicalizadas. Mendes defende que havia consenso sobre a decisão do golpe, mas não sobre o que fazer depois. Após 1965 os conflitos dentro da própria direita reacenderam; por isso não se pode afirmar que apenas um único grupo tenha tido hegemonia na condução de regime militar.⁸⁸ Mendes classifica as direitas responsáveis pelo golpe em três grupos: militares, políticos e elite empresarial. Ele defende que o golpe não encerra o debate político iniciado na década de 1960; apenas o circunscreve às direitas.⁸⁹

Ouvimos com muita frequência de depoentes pradistas que os Barreto cometeram muitas arbitrariedades em Sobral durante o regime militar, pelo fato de eles contarem com parentes nas Forças Armadas. As boas relações da família Barreto com o regime aparecem nesta crônica, em que César Barreto Lima descreve uma das visitas do presidente Castelo Branco a Sobral, em 1966:

O Chefe Maior da Nação era amigo pessoal do General Flamarion Barreto, irmão do prefeito da Princesa do Norte. Em 1953, O General Castelo tinha visitado a cidade de Sobral como comandante da 10ª Região Militar, acompanhado do Major Flamarion, e tinha pernoitado na residência do Sr. Chagas Barreto, genitor do amigo oficial e do prefeito do município.

O presidente Castelo Branco, durante a visita à cidade de Sobral, fez questão de quebrar o rígido protocolo e fazer uma visita de cortesia à casa do patriarca dos Barretos, acompanhado de toda a sua comitiva.

O Marechal tomou água de coco e recordou alegremente com a mãe do prefeito, Dona Sinhá, da rede de varandas brancas com cheiro de baú, em que tinha dormido no andar de cima, e do sabor da tapioca com cuscuz, no café da manhã.⁹⁰

O fato de vir de uma família com longa tradição nas Forças Armadas não protegeu Barreto do constrangimento de depor num inquérito policial, e o pior, de ser acusado de

⁸⁷ Nos municípios de Tabuleiro do Norte e Morada Nova - CE, por exemplo, o próprio MDB se organizou como reflexo das divergências apenas em nível local, pois não constituía na prática oposição ao regime ditatorial.

⁸⁸ MENDES, Ricardo Antônio Souza. *Visões das direitas no Brasil (1961-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 20??, p. 268-278.

⁸⁹ *Ibid.* p. 279.

⁹⁰ LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2. ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. p. 15-16. Nesta visita Castelo Branco inaugurou o Hotel Municipal e o Centro Social Argentina Castelo Branco.

subversão, o que significa que Prado, aliado a Ferreira Gomes, não tinha menos poder político. Isso significa que a cultura autoritária estava presente no cotidiano cidadão.

Constatou-se que os líderes políticos, representantes do poder executivo municipal, mantiveram-se fiéis à ditadura civil-militar, por toda a vigência do regime no país. A aliança rendeu ao município muitos investimentos em infraestrutura, com influência no desenvolvimento da cidade até os dias atuais. Prado, Barreto e Ferreira Gomes, apesar das divergências locais, coadunaram com a ideologia autoritária. Entretanto, nem a aliança nem o desenvolvimento resultante dela aparecem na memória do período na cidade. Os correligionários de Ferreira Gomes, que sucedeu Prado e Barreto, negam qualquer herança política ou econômica do regime autoritário, enquanto os herdeiros de Prado e Barreto silenciam sua história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Diego Gadelha de. *Indústria e Reestruturação Sócio-Espacial: A Inserção de Sobral (CE) na Divisão Espacial da Produção Calçadista*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008. p.73.

CARVALHO, Rejane V. A. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, J.; ARRUDA, J. M. (Org.). *A Era Jereissati – modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. p.10.

CAVALCANTE, Arnaud de Holanda. *Sociedade sobralense vultos em destaque*. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. p.168.

COSTA, Lustosa da. *Sobral, cidade de cenas fortes*. Rio de Janeiro; São Paulo; Fortaleza: ABC Editora, 2003. p.64.

FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007. p.52.

FARIAS, Airton de. *História da Sociedade Cearense*. Fortaleza: Livro Técnico, 2004. p. 450.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH. nº 47. Jan-Jun, 2004. p. 32.

GRINBERG, Lúcia. Uma memória política sobre a Arena: dos “revolucionários de primeira hora” ao “partido do sim, senhor”. In.: REIS, Daniel Aarão *et al.*(Orgs). *O Golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 143.

IGGERS, George. History and the challenge of postmodernism. In: _____. *Historiography in the Twenty Century: From Scientific to the Postmodern Challenge*. Hanover; London: Wesleyan University Press, 1997, p. 97-146.

LIMA NETO, José. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. Sobral, 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso). p. 11-26.

LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2. ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. p. 165.

LIMA, D. *Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)*. 2004. Tese. (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MENDES, Ricardo Antônio Souza. *Visões das direitas no Brasil (1961-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 20??

CARVALHO, R. V. A.. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, J.; ARRUDA, J. M.(Orgs.). *A Era Jereissati – modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. p.21.

MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará*. 1947-1966. Rio de Janeiro; São Paulo; Fortaleza: ABC editora, 2005. p. 235-6.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J. *Revolução e democracia – 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 295.

MOTTA. Rodrigo de Pato Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*: Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 118.

PARENTE, F. Josênio. O Ceará dos “coronéis” (1945-1986). In: SOUZA, S.(Org). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 383.

PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 207.

RABELO FILHO, José Valdenir. *Uma Sobral, muitas Cidades*: apresentando tensões e decifrando silêncios (1958-1966). Sobral: UVA, 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso). p. 59.

REMOND, René. Do político. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p.450.

RIBEIRO, Penha Magalhães. *Da Santa Maioria à Taperuaba*: um breve estudo da oligarquia Barreto no distrito de Taperuaba (1962-1992). Sobral: UVA, 2001 (Trabalho de Conclusão de Curso). p.24.

RIDENTE, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX, o tempo das dúvidas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 135-6.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*, v. 15, nº 30, p. 9-22, São Paulo, 1995.

SCHMITT, Roberto. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Coleção Descobrimos o Brasil). p.33.

SOARES, José T. (Org.). *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003. p.38.

VENTURA, Zuenir. *1968 - o ano que não acabou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 16.